

# Tradução comentada da poesia em Libras “Poesia Surda para Sempre” para o português: a arte do fazer tradutório

Victor Hugo Lima Nazário\*

Neiva de Aquino Albres\*\*

## Introdução

A tradução poética é mais facilmente compreendida como uma prática artística, apesar da sombra das teorias da tradução prescritivas e normativas que primam por uma suposta neutralidade e fidelidade do tradutor. Sabe-se que a tradução requer um processo intenso de trabalho com a linguagem e criatividade para sua recriação como obra de arte similar ao material de partida. Nesse sentido, a perspectiva dialógica da linguagem (BAKHTIN, 2004) nos serve para refletir sobre a tradução em sua construção. Uma das formas mais genuínas de registrar esse processo se faz pela Tradução Comentada (TC).

A Tradução Comentada (TC) vem ganhando cada vez mais espaço dentro do campo dos Estudos da Tradução, principalmente, as produções de TC de gênero literário (KLAMT, 2014; SANTOS, 2016; SILVA; ALBRES, 2018; ALBRES, 2020a, 2020b, 2020c; ALBRES; DIAS, 2021; ALBRES; ALVES, 2021; SCHLEMPER, 2022). Realizar esse tipo de tradução nos exige não apenas competências tradutórias, mas também expertises conscientes, críticas e reflexivas para justificar nossas tomadas de decisões em relação à tradução. Cientes de que a TC se constitui como uma pesquisa introspectiva e retrospectiva voltada ao processo, e este sendo contínuo, temos a possibilidade de irmos e virmos entre nossos textos de partida e de chegada quantas vezes forem necessárias até que a tradução esteja pronta para ser apresentada aos nossos leitores.

---

\* UFSC

\*\* UFSC

Ainda sobre TC, apoiamo-nos em Williams e Chesterman (2002), que propõem que nesse tipo de pesquisa, o tradutor tece seus próprios comentários de maneira consciente a respeito de sua tradução; em Zavaglia, Renard e Janczur (2015), que afirmam que, devido ao seu caráter pedagógico, por meio dos registros feitos ao longo do processo tradutório, a TC contribui para que outros pesquisadores possam saber como se constrói esse tipo de tradução; e em Torres (2017), que menciona as características presentes nesse tipo de produção, tais como autoria, metatextualidade, caráter crítico-discursivo, descritivo e histórico.

Diante desse contexto de prática de tradução, decidimos traduzir o poema em Libras “Poesia Surda para Sempre”, de autoria de Rodrigo Custódio da Silva, para o português e construímos algumas questões para serem respondidas nesta pesquisa. A saber: Na tradução artística, traduz-se a forma ou o conteúdo? O que levar em consideração para compreender o projeto discursivo do artista e recriá-lo na poesia traduzida? Traduzir de uma língua de sinais para o português escrito requer alguma estratégia específica?

Após uma breve evocação deste contexto histórico (seção 1), indicaremos como os estudos do discurso, principalmente, baseados em Bakhtin e o círculo compreendem o papel do tradutor (seção 2). Apresentamos o percurso metodológico (seção 3), passando à descrição detalhada da tradução com os comentários (seção 4). Finalizamos o artigo com alguns pontos de reflexão sobre a arte de traduzir.

### Referencial teórico

Para a produção deste material, adentramos a tradução do gênero literário “poesia”, realizando um processo tradutório intermodal e interlingual<sup>1</sup>, o que implica dizer que o foco de nosso trabalho está entre o par linguístico língua brasileira de sinais – Libras e língua portuguesa. Sendo assim, propomo-nos a construir uma TC de um poema em língua de sinais intitulado “Poesia Surda para Sempre”, do autor surdo Rodrigo Custódio da Silva, para o português brasileiro, centrada na percepção dos sentidos

---

<sup>1</sup> Para mais detalhes sobre processos tradutórios intermodais e interlinguais, sugerimos a leitura de Rodrigues (2013).

produzidos no texto de partida que serão transcritos no nosso texto de chegada (SOBRAL, 2019).

Sobre a tradução de poesia, concordamos com Bezerra (2012), ao afirmar que a tradução “tem como produto final a recriação, mas uma recriação toda derivada da criatividade do tradutor. Logo, o processo tradutório é um processo criador e, por consequência, a tradução também é criação, pois nela interagem duas instâncias criadoras – o autor do original e seu tradutor” (BEZERRA, 2012, p. 47).

Nesse contexto de recriação, o autor complementa dizendo que “traduzir é interpretar, mas é também e, sobretudo, superar a interpretação, recriando o ritmo da obra na língua de chegada com uma poética que dê conta dos múltiplos sentidos e do modo de ser do original” (BEZERRA, 2012, p. 55).

Seguindo uma perspectiva bakhtiniana do enunciado, Kumar (2015), corrobora com nossa pesquisa ao dizer que

O processo tradutório envolve uma resposta ao texto da cultura de origem. O/a tradutor/a está posicionado/a em uma situação em que ele/a é obrigado/a a entender a importância do texto-fonte para uma cultura diferente. Ele/a precisa responder ao enunciado da cultura-fonte compondo um novo enunciado que mantenha vivo o “vínculo” que o texto-fonte evoca. Com enunciados próprios, o/a tradutor/a torna-se participante da autoria do texto traduzido, tornando o texto dialogizado internamente. Assim, o autor da cultura-fonte e seu/sua tradutor/a, que é o/a receptor/a e negociador/a do texto-fonte, são coautores de um texto traduzido. Como um diálogo, que se dirige ao outro para uma “resposta”, a tradução é sempre orientada para o outro; ou seja, o público da cultura receptora. Ele se altera e se modifica à medida que avança nos vínculos intersubjetivos que cria para si. O espaço dialógico da tradução é um “ambiente cheio de tensão” no sentido bakhtiniano, caracterizado por acordos e desacordos. (KUMAR, 2015, p. 25)<sup>2</sup>

<sup>2</sup> “The process of translation involves a response to the text of the source culture. The translator is positioned in a situation where s/he is required to understand the significance of the source-text for a different culture. S/he needs to respond to the utterance of the source culture by composing a new utterance that would keep alive the “link” that the source-text evokes. With utterances of her/his own, the translator becomes a participant in the authorship of the translated text, thereby making the text internally dialogized. Thus, the author of the source culture and her/his translator, who is the receptor and negotiator of the source-text, jointly author a translated text. Like a dialogue, which is directed towards the other for an “answer,” translation is always oriented towards the other; that is, the audience of the receiving culture. It alters and modifies itself as it moves on in the intersubjective links it creates for itself. The dialogic space of translation is a “tension-filled environment” in the Bakhtinian sense,

Assim, a tradução de poemas em Libras é de grande importância para que aqueles que não tiveram acesso ao texto de partida possam ter acesso a elas em português e conheçam mais sobre a comunidade surda e sua poética, considerando o papel criador dos tradutores e os desafios de trabalhar no movimento entre uma língua e outra, entre uma cultura e outra. Concordamos que

essa nova condição — a de obra em movimento — enriquece a obra traduzida com os valores que nela insere a interpretação do outro que a lê. É isso que dá vida própria a uma obra traduzida. Aí a individualidade criadora do tradutor é questão de primeira essência. Ele investe todas as suas potencialidades criadoras no empenho de recriar a seara de sentidos que enfeixam a obra, desprezando de saída a ilusão do “dois mais dois são quatro”, forma simplista da ilusão de literalidade. O discurso literário tem como característica fundamental a diversidade ampla e profunda de sentidos que suas palavras irradiam, o que obriga constantemente o tradutor a interpretar o sentido ou os sentidos de uma palavra ou expressão no contexto específico desse discurso e procurar a forma mais adequada de recriá-los. (BEZERRA, 2012, p. 18).

Então, a tradução, perpassa pela política linguística e de tradução, pela política de acesso aos bens culturais da humanidade, entre eles as produções da comunidade surda. Assim, “políticas de tradução” estão no emaranhado da construção dialógica do discurso em uma comunidade de minoria linguística que tem o direito de visibilidade de tornar-se um bem cultural conhecido.

### **Metodologia adotada**

Podemos caracterizar esta pesquisa como sendo de natureza aplicada e abordagem qualitativa, com fins descritivos, cujos procedimentos se baseiam no estudo de caso<sup>3</sup>.

No campo disciplinar dos Estudos da Tradução, apoiamo-nos no mapeamento proposto por Holmes ([1972] 2000), no qual a TC é definida como um estudo puro, descritivo e orientado ao processo, uma vez o

---

characterised by agreements and disagreements.” (Quando não houver menção ao nome do tradutor, a tradução é de nossa autoria.)

<sup>3</sup> Para mais detalhes sobre a metodologia da pesquisa científica, sugerimos a leitura de Prodanov e Freitas (2013).

tradutor, ao tempo em que realiza sua tradução, tece comentários que justificam suas tomadas de decisões e apresentação de soluções para alguns possíveis problemas de tradução. Nesse contexto, também concordamos com Williams e Chesterman (2002) em relação à tradução comentada ao afirmarem que ela

[...] é uma forma de pesquisa introspectiva e retrospectiva na qual você mesmo traduz o texto e, ao mesmo tempo, escreve um comentário sobre o seu próprio processo tradutório. Esse comentário incluirá alguma discussão do exercício tradutório, uma análise de aspectos do texto fonte e uma justificativa fundamentada dos tipos de soluções a que se chegou para determinados tipos de problemas de tradução. O valor de tal pesquisa situa-se em sua contribuição que o aumento da autoconsciência pode proporcionar para a qualidade da tradução. Você também pode querer apresentar se encontrou algumas diretrizes úteis para suas decisões tradutórias com base naquilo que você já tenha lido nos Estudos da Tradução. (WILLIAMS; CHESTERMAN, 2002, p. 7-8)<sup>4</sup>

Concordando com Williams e Chesterman (2002) em que a tradução comentada é um processo introspectivo e retrospectivo, apresentamos a seguir como realizamos nosso processo tradutório:

1. Seleção do texto de partida: após fazer um levantamento de poemas surdos videogravados<sup>5</sup> com seus respectivos links de acesso no Youtube, selecionamos o poema intitulado “Poesia Surda para Sempre”, de autoria do poeta Rodrigo Custódio da Silva;
2. Uso de diário de tradução como instrumento de registro do processo tradutório: o processo tradutório não foi realizado de uma única vez; nesse caso, fizemos uso do diário de tradução para registrar todas as versões que foram necessárias até a

<sup>4</sup> “[...] is a form of introspective and retrospective research where you yourself translate a text and, at the same time, write a commentary on your own translation process. This commentary will include some discussion of the translation assignment, an analysis of aspects of the source text, and a reasoned justification of the kinds of solutions you arrived at for particular kinds of translation problems. One value of such research lies in the contribution that increased self-awareness can make to translation quality. You might also want to show whether you have found any helpful guidelines for your translation decisions in what you have read in Translation Studies.”

<sup>5</sup> Para mais detalhes sobre videograções, sugerimos a leitura de Peluso (2015; 2018).

conclusão da tradução, além de registrar os comentários feitos a cada uma das versões produzidas;

3. Leitura e compreensão do texto: as leituras do poema videogravado, assim como as versões traduzidas, foram feitas várias vezes com o intuito de preservar o efeito de sentido. A cada releitura realizada, novos detalhes iam sendo percebidos e, conseqüentemente, novas versões se fizeram necessárias;
4. Busca por informações sobre o autor do poema: procurar mais informações sobre o autor do poema foi fundamental para poder compreendê-la, uma vez que o poema tem caráter de experiência pessoal, além de o próprio autor deixar registrado na descrição do vídeo que parte do poema tem a ver com aspectos de sua vida pessoal;
5. Divisão das unidades de tradução (UT)<sup>6</sup>: após as leituras e releituras do poema, delimitamos as unidades de tradução, oito no total, que, posteriormente, passaram a ser as estrofes do poema em língua portuguesa;
6. Tradução das unidades de tradução para o português: definidas as unidades de tradução, passamos para suas traduções e reescritas de acordo com cada nova percepção que ia surgindo a cada nova releitura. A cada UT realizada, mais um comentário era tecido para justificar nossas escolhas tradutórias;
7. Solução dos problemas de tradução: busca por coesão e coerência, adequação da escrita ao conteúdo temático do poema e escolha das rimas;
8. Apresentação do texto de chegada: nesse ponto fizemos a organização de como o texto de chegada seria apresentado ao público leitor da tradução;
9. Seleção do referencial teórico para dar suporte aos comentários da tradução: concluída nossa tradução, chegamos ao ponto de selecionar quais elementos seriam foco de nossos comentários. Optamos então por trabalhar com os padrões de repetição que

---

<sup>6</sup> Para mais detalhes sobre unidades de tradução, sugerimos a leitura de Alves, Magalhães e Pagano (2000).

envolvem o “elemento três”, o qual abordaremos mais detalhadamente nas próximas seções;

#### 10. Exposição dos comentários da tradução.

Acreditamos que, ao descrevermos dessa forma nossa metodologia, deixamos mais evidente aos nossos leitores como se deu a construção de nossa TC e podemos trazer também uma contribuição para pesquisadores e interessados nesse campo dos Estudos da Tradução de mais um exemplo disponível de como se realiza a produção de uma tradução comentada de poesia em Libras para o português.

#### **Diário de Tradução: um importante instrumento da pesquisa**

Caracterizada como um estudo de caso, a tradução comentada estuda detalhadamente determinado fenômeno social, em nosso caso a tradução do gênero literário “poesia”, dentro de um contexto sócio-histórico, em que é possível esclarecer nossas tomadas de decisões. Dentro desse tipo de pesquisa, Prodanov e Freitas (2013, p. 64, grifo nosso) afirmam que “o investigador recorre a fontes múltiplas de dados e a métodos de coleta diversificados: observações diretas e indiretas, entrevistas, questionários, narrativas, registros de áudio e vídeo, **diários**, cartas, documentos, entre outros”.

Albres (2020a; 2020b; 2020c) define o diário de tradução como um instrumento bastante utilizado nas pesquisas do tipo tradução comentada em que o tradutor registra as etapas de seu procedimento tradutório, detalhando suas escolhas tradutórias, as fontes às quais recorreu para auxiliar em sua tradução, a resolução dos problemas de tradução, o número de versões realizadas até que se chegasse ao seu constructo final, suas impressões, hesitações e construções de sentido durante seu processo de trabalho.

Nesse contexto, o diário de tradução torna-se elemento fundamental durante o processo de elaboração de uma tradução comentada. É nele que o tradutor vai registrando toda sua produção, suas percepções e soluções para os problemas encontrados ao longo da tradução, tecendo seus comentários com as devidas justificativas etc.

### Sobre o autor do poema em Libras<sup>7</sup>

Rodrigo Custódio da Silva é Doutor e Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, possui especialização em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS pelo Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Extensão (IBPEX) e graduação em Educação Física (licenciatura plena) pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Possui experiências com ensino de Libras em diversos níveis, pesquisa e tradução de textos de português para Libras. É coordenador (2019-2021) e membro do corpo editorial da Revista Brasileira de Vídeo Registros em Libras (VR-Libras) da UFSC. Atualmente, atua como professor do curso de graduação em Letras-Libras Presencial na UFSC e é coordenador de estágios deste curso.

Além de sua vasta experiência acadêmica, Rodrigo tem como *hobbies* fotografias e vídeos e atua como produtor de conteúdos digitais em suas páginas no Facebook, Instagram e Youtube.

Após esse primeiro momento, decidimos então buscar a tese de doutorado do autor para encontrar alguma informação pessoal sobre ele. Nela, Silva (2019) afirma que adquiriu sua

[...] primeira língua, ou melhor, a Libras (língua brasileira de sinais) desde o ano de 2003, essa é uma língua totalmente autossuficiente e incrivelmente complexa graças aos sinalizantes Surdos e ouvintes que tanto cuidam e praticam desde a existência deste fenômeno linguístico e extraordinário até os dias de hoje. É por isso que esta língua, graças a eles, conseguiu me transformar em uma pessoa que pode ser “ouvida” pela sociedade brasileira, a minha Libras como L1 me ensina linguisticamente a aprender o português como segunda língua (L2) desde o mesmo ano em que adquiri a Libras, sim isso mesmo. Enfim, com a Libras eu consegui construir as minhas “asas” para poder voar no mundo (SILVA, 2019, p. 6, nota da tese em português).

Por meio deste relato, percebe-se então que, assim como várias pessoas surdas, o autor também teve uma aquisição de linguagem tardia, pois, nascido em 1984<sup>8</sup>, teria entre 18 e 19 anos, quando sua aquisição da

<sup>7</sup> Informações disponíveis em:

<http://lattes.cnpq.br/2009310466318492>;

<https://www.youtube.com/@rodrigocustodiadasilva1004/featured>;

<https://www.instagram.com/rodrigocustodio84/>;

[https://www.facebook.com/rodrigocustodio84/about\\_contact\\_and\\_basic\\_info](https://www.facebook.com/rodrigocustodio84/about_contact_and_basic_info). Acesso em: 12 jan. 2023.

<sup>8</sup> Informação disponível em:

[https://www.facebook.com/rodrigocustodio84/about\\_contact\\_and\\_basic\\_info](https://www.facebook.com/rodrigocustodio84/about_contact_and_basic_info). Acesso em: 10 nov. 2022.



língua brasileira de sinais ocorreu (abrimos aqui um parêntese para salientar que muito provavelmente o autor fazia uso de sinais caseiros ou emergentes como menciona Vilhalva (2009) em relação ao uso da linguagem no seio familiar antes da aquisição formal de uma língua, como a Libras ou o português, por exemplo). Além disso, outro ponto forte desse trecho é quando o autor menciona que graças a Libras se tornou “uma pessoa que pode ser ‘ouvida’ pela sociedade brasileira” ao passo que ela também lhe ensina como aprender a língua portuguesa, demonstrando aqui um ato de resistência do sujeito surdo, o qual abordaremos mais nas próximas seções.

### **Sobre os tradutores<sup>9</sup>**

A obra foi traduzida na disciplina de Seminário de Prática de tradução (2022.02) do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina por Victor Hugo Lima Nazário e Neiva de Aquino Albres em processo de estudo e tradução comentada. Os autores do artigo são tradutores no par linguístico Libras-português e pesquisadores.

Victor Hugo é mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina – PPGET/UFSC (2022 – Bolsa CAPES), graduado em Letras-Libras – Língua Brasileira de Sinais – Bacharelado, pela UFSC (2021), especialista em Tradução e Interpretação da Libras, pela Faculdade Santo André – FASA (2017), especialista em Educação de Surdos/Libras – FASA (2016) e graduado em Letras-Espanhol – UFAC (2011) e em Letras-Inglês – UFAC (2010).

Neiva é tradutora e intérprete de Libras-português e pesquisadora vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução – PGET/UFSC, professora do curso Letras-Libras – Língua Brasileira de Sinais – Bacharelado, na UFSC, desde 2013, Doutora em educação especial pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar (2013 - Bolsa CNPQ) e Mestre em educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS (2005 - Bolsa CAPES).

Ambos são membros do InterTrads - Grupo de Pesquisa em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais e Vocais - com registro no

---

<sup>9</sup> Informações disponíveis em:

<http://lattes.cnpq.br/2296377664445188>; <http://lattes.cnpq.br/1652645656634694>. Acesso em: 31 jul. 2023.

CNPq e vinculados ao projeto de pesquisa “Tradução comentada: princípios científicos e pedagógicos”.

### **Apresentação do poema traduzido**

Após um processo introspectivo e retrospectivo (WILLIAMS; CHESTERMAN, 2002) de muitas leituras e releituras, em busca de realizar uma tradução que preservasse o efeito de sentido do texto de partida no texto de chegada, mantendo uma linguagem poética, a crítica social realizada pelo autor ao tratamento dado aos surdos pela sociedade ouvinte e a sua resistência enquanto sujeito surdo usuário da língua brasileira de sinais, apresentamos a seguir nossa tradução para a língua portuguesa do poema em Libras:

### **Poesia Surda para Sempre**



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=M3-YzIzkPxU>

### **Tradução do poema em Libras “Poesia Surda para Sempre” para o português**

- 1 Há um silêncio
- 2 que se rompe em meu peito.
- 3 Vida pulsante
- 4 que bate a cada instante.

5 No encontro com o outro,  
6 minha interação é frustrante.  
7 Pois por mim ele passa  
8 e simplesmente a INVISIBILIDADE  
9 a mim é lançada  
10 como se eu não fosse nada.

11 Recolho-me...  
12 Algo de estranho me toca.  
13 Crio forças,  
14 vou pra fora.  
15 O outro que por mim novamente passa  
16 se aproxima e o ORALISMO  
17 à minha natureza impõe.  
18 Não, não, não!  
19 Resisto, rejeito,  
20 sem sucesso vai embora.  
21 Volto para mim nessa hora.

22 Coragem meu peito invade,  
23 uma vez mais tento me ver em sociedade.  
24 O outro,  
25 mais um opressor,  
26 agora se apresenta.  
27 Meu corpo quer mutilar,  
28 um OUVINTISMO me implantar,  
29 Não, não, não!  
30 firme resisto e volto ao meu lugar.

31 Em meu peito,  
32 um coração ofegante.  
33 Uma força insistente que me rasga,  
34 em sociedade me leva mais um instante.

35 E como serpentes opressoras:  
36 INVISIBILIDADE, ORALISMO e OUVINTISMO

37      passam por mim lançando  
38      desconfiança, medo e temor.  
39      Arrancam de mim minhas forças,  
40      me deixando fraco, débil, sem vigor.

41      Mais uma vez me recolho,  
42      volto a mim.  
43      Meu mundo vai sendo moldado,  
44      reprimido, encolhido,  
45      quase apagado.

46      MAS  
         .  
         .  
         .  
         .  
         .  
         .

47      De mim sei bem  
48      e seguro estou.  
49      Poesia surda para sempre sou!

Realizar uma tradução de gênero literário entre línguas de modalidades distintas, isto é, de uma língua de sinais para uma língua oral, não é tarefa simples. Requer do tradutor expertises que vão para além da competência linguística ou gramatical. É um trabalho que envolve conhecimentos sociais, históricos e culturais que corroboram para a construção de sentidos necessária ao se transpor a mensagem contida na língua de sinais para a língua portuguesa na sua forma escrita. Muitas vezes são encontradas dificuldades na busca por rimas, por exemplo, que transmitam o sentido daquilo que foi dito na língua de sinais para a língua oral. Dessa forma, após concluída nossa tradução acima apresentada, passaremos a seguir aos nossos comentários, trazendo a contextualização e as justificativas para nossas escolhas tradutórias.

### Contexto e comentários da tradução

A produção de poemas em língua de sinais vem crescendo exponencialmente no Brasil, principalmente, por poetas ligados ao meio acadêmico. Diferentemente dos padrões aos quais a sociedade majoritariamente ouvinte está acostumada, os poemas em língua de sinais possuem outras formas de registro, dentre os quais ganham destaque os registros audiovisuais que, em sua grande parcela, são disponibilizados ao público consumidor desse tipo de poesia por meio de redes sociais, os canais do Youtube, por exemplo.

Sutton-Spence (2005) traz-nos contribuições valiosas ao apresentar as características da poesia em língua de sinais. A autora afirma que

A poesia escrita pode ser identificada a partir de sua forma no papel: assemelha-se à poesia devido sua forma ser diferente da prosa. A poesia falada (e a poesia em línguas de sinais) pode ser reconhecida pelo seu estilo de declamação se uma pessoa adotar um certo modo de falar (ou sinalizar) quando recita uma poesia. Geralmente ritmo, linguagem mais acentuada, metáforas e repetição de vários elementos são estratégias usadas para maximizar a significância do poema. Os recursos linguísticos da poesia em língua de sinais são bastante diferentes das rimas e métricas que são familiares à maioria do público ouvinte, a repetição de elementos de sinais e a criação de novos sinais são características importantes na maioria dos poemas em línguas de sinais. Entretanto, a ideia de maximizar a mensagem por meio de uma linguagem especialmente mais acentuada é a mesma na poesia em todas as línguas, sejam elas de sinais ou orais. (SUTTON-SPENCE, 2005, p. 14)<sup>10</sup>

A poesia surda expõe não apenas para a comunidade surda, mas também para a sociedade como um todo, as experiências de vida dos surdos. Os poemas contêm as mais variadas temáticas que vão desde o tom humorístico ao crítico. Em “Poesia Surda para Sempre”, Silva (2020) faz uma crítica social aos momentos negativos pelos quais passou (a invisibilidade

---

<sup>10</sup> “Written poetry can be identified by its layout on the page: it looks like poetry because the layout is different from that of prose. Spoken poetry (and sign language poetry) can be recognised by the style of declamation if people adopt a certain way of speaking (or signing) when they recite poetry. Generally, rhythm, heightened language, metaphor and repetition of various elements are all devices used to maximise the significance of the poem. The language devices in sign language poetry are rather different from the rhymes and meter that are familiar to most hearing audiences, and repetition of elements of signs and creation of new signs are important features of most sign language poems. However, the idea of maximising the message through specially heightened language is the same in poetry in all languages, whether signed or spoken.”

posta em prática por uma sociedade que não reconhece o sujeito surdo, além das práticas impositivas que seguem modelos clínicos terapêuticos de tentativa de “reabilitação” de surdos, como o oralismo, com tratamentos fonoaudiológicos de estimulação da fala oral, e o ouvintismo, por meio da imposição de um modelo ouvinte a ser seguido pelos surdos).

Segundo afirma Skliar (2005), a surdez na visão clínico-terapêutica é tida como uma deficiência em comparação com a audição. A medicina classifica a surdez quanto ao grau, podendo ser leve, moderada, severa e profunda e, podendo ser ainda, congênita, hereditária e adquirida (antes ou depois do desenvolvimento da fala). Devido a tais concepções, têm-se então a ideia de normalização do sujeito surdo, tentando moldá-lo aos padrões ouvintes numa tentativa de superação do déficit através de terapias e treinamentos fonoaudiológicos, leitura labial, uso de aparelhos auditivos e até mesmo cirurgias de implante coclear.

Sutton-Spence (2005) nos afirma que


Uma grande contribuição da poesia em sinais para o empoderamento da comunidade surda é o modo como os poemas podem retratar a experiência cotidiana dos surdos. Alguns poemas são explicitamente sobre assuntos relevantes para os surdos, estando diretamente relacionados à experiência surda, especialmente a celebração da língua de sinais e do mundo visual e as relações entre surdos e ouvintes, porém em outros momentos a “Surdez” é profundamente tecida na trama do poema. [...] um estudo das composições de qualquer poeta de sinais mostrará como os temas da poesia em línguas de sinais refletem a identidade do poeta como Surdo. (SUTTON-SPENCE, 2005, p. 101)<sup>11</sup>

É nesse sentido, com base na crítica social feita pelo autor em forma de poesia, que decidimos centrar nossos comentários na seleção das configurações de mão, quanto à denúncia aos efeitos negativos causados pelo oralismo e pelo ouvintismo e à afirmação da identidade surda por meio da resistência, como passamos a descrever a seguir:

---

<sup>11</sup> “A major contribution of sign poetry to the empowerment of the Deaf community is the way that the poems can portray the day-to-day experience of Deaf people. Some poems are explicitly on subjects that are relevant to Deaf people, being directly related to the Deaf experience, especially the celebration of sign language and the visual world and the relationships between Deaf and hearing people, but at other times ‘Deafness’ is woven deep into the fabric of the poem. [...] a study of the compositions of any sign poet will show how the themes of sign language poetry reflect the poet’s identity as a Deaf person.”

**Quadro 2:** A escolha das configurações de mão com diferentes significados.

	<p>35 E como serpentes opressoras:  36 INVISIBILIDADE, ORALISMO e  OUVINTISMO  37 passam por mim lançando  38 desconfiança, medo e temor.  39 Arrancam de mim minhas forças,  40 me deixando fraco, débil, sem  vigor.</p>
---	--

Fonte: Elaborado pelo autor. Adaptado de Capovilla (2015, p. 605).



Especialmente nesse excerto, optamos por manter na tradução as palavras em língua portuguesa que correspondem aos sinais em Libras: INVISIBILIDADE (00:23), ORALISMO (00:46) e OUVINTISMO (01:15). Sabemos que em português escrito grafar palavras em caixa alta indica que o emissor está gritando, e é justamente na busca desse efeito que optamos por escrever as palavras a que aqui damos esse destaque exatamente como o autor do poema em Libras as enfatizou, uma vez que historicamente elas têm um peso negativo para os surdos.

Os termos também foram pensados para que houvesse rimas entre os versos da estrofe. Trabalhamos com a tensão de aproximação e distanciamento da forma, dos signos, do que representam. A escolha das palavras temor e vigor, instante e ofegante são, por exemplo, algumas das escolhas para criar um efeito de sonoridade na leitura em português. Os tradutores são desafiados a produzir a arte de tocar pelo conteúdo e pela forma, sem prescindir da entonação que a leitura em voz alta pode provocar. Assim,

trata-se da produção de uma dessemelhança do semelhante, pois, ainda que a obra seja a mesma, com o título original e o nome original de seu autor,

não é uma cópia do original porque a tradução faz dela uma obra em movimento, sujeita a diferentes interpretações, convivendo em isonomia com obras escritas na língua de chegada e sendo lida à luz de outros valores culturais, de outra psicologia da recepção, assim como das tradições da literatura dessa língua outra. (BEZERRA, 2012, p. 18).

Para o restante da tradução, seguimos a mesma lógica de quantidade de versos, estrofes e rimas, bem como os sentimentos, as angústias e o espírito de luta expressos na poesia.

No verso 33, “serpentes opressoras” foi a metáfora que escolhemos utilizar na tradução justamente pelo uso de duas configurações de mão (CM) selecionadas pelo autor [  ] e [  ]. Tais CM são registradas por Capovilla (2015) para denotar duas variações para o sinal COBRA/SERPENTE em Libras, como pode ser observado no quadro 2. Nesse contexto, Sutton-Spence (2005) salienta que

Estudos de quase todo poema em línguas de sinais revelam padrões de configurações de mão repetidos em sinais. Algumas vezes são simplesmente para efeitos visuais, pois são elegantes, agradáveis ou divertidos. Em muitos casos, as configurações de mão têm papéis muito importantes a desempenhar no poema. Elas podem vincular ideias ou trazer outras conotações para além dos sinais no poema, geralmente valendo-se de efeitos emocionais comumente associados a configurações de mão específicas. (SUTTON-SPENCE, 2005, p. 25-26)<sup>12</sup>

Dessa forma, percebemos que Silva (2020) se utilizou dessas duas CM para se referir às palavras em destaque aplicando a elas o mesmo movimento realizado por ofídios ao atacarem suas presas, o que nos influenciou a fazer essa escolha tradutória. Vemos que no processo criativo e artístico do tradutor, estão envolvidas questões interlinguísticas e intersemióticas (vídeo e sua estrutura composicional e a escrita e os elementos de diagramação), bem como intermodais (línguas de duas modalidades distintas).

No verso seguinte (34), o destaque para as palavras “invisibilidade”, “oralismo” e “ouvintismo” nos remonta ao fatídico Congresso de Milão em

---

<sup>12</sup> “Study of almost any sign language poem will reveal repeated handshake patterns in signs. Sometimes these are simply for visual effect – they are elegant, pleasing or fun. In many cases the handshapes have more important roles to play in the poem. They can link ideas, or bring out further connotations behind signs in the poem, often drawing on the emotional effects commonly associated with particular handshapes.”



1880, no qual o uso das línguas de sinais foi proibido e o método oral puro foi imposto na educação de surdos, causando mais de 100 anos de prejuízo linguístico e tendo impacto na vida de muitos surdos até os dias de hoje.

Nesse contexto, a invisibilidade (pontos 00:23 e 01:45 do poema) se manifesta com a tentativa de apagamento do sujeito surdo em decorrência do mencionado congresso, uma vez que lhe foi privado de se comunicar por meio de sua própria língua de sinais e imposto o uso da língua oral de seu país e a portar-se seguindo um modelo social de pessoa ouvinte, igualando-se à maioria, acreditando assim que o ideal de normalidade seria falar por meio da língua oral.

Com relação ao oralismo e ao ouvintismo, concordamos com Sutton-Spence (2005), uma vez que percebemos que o poema objeto de nossa tradução:

[...] é uma crítica à filosofia educacional e linguística do Oralismo, que defende a promoção da fala para Surdos e a rejeição da língua de sinais e da cultura surda. Os sentimentos dos surdos sinalizantes em relação ao Oralismo são muito poderosos e frequentemente negativos, já que muitos Surdos veem a comunicação oral como antinatural, indigna e repressiva, e muitas vezes é um símbolo da opressão dos Surdos por pessoas ouvintes. (SUTTON-SPENCE, 2005, p. 104)<sup>13</sup>

Skliar (2005, p. 15) também contribui para nosso entendimento ao afirmar que o ouvintismo se trata das “representações dos ouvintes sobre a surdez e sobre os surdos” e que o oralismo é “a forma institucionalizada do ouvintismo”. Além de salientar que o ouvintismo

Trata-se de um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte. Além disso, é nesse olhar-se, e nesse narrar-se que acontecem as percepções do ser diferente, do não ser ouvinte; percepções que legitimam as práticas terapêuticas habituais. (SKLIAR, 2005, p. 15)

---


<sup>13</sup> “[...] it is an attack on the educational and language philosophy of Oralism, which advocates the promotion of speech for Deaf people and the rejection of sign language and Deaf culture. The feelings of Deaf signers towards Oralism are very powerful and frequently negative, as many Deaf people view oral communication as unnatural, undignified and repressive, and it is often a symbol of the oppression of Deaf people by hearing people.”

Como mencionado anteriormente, o autor do poema aprendeu Libras tardiamente e afirma que parte do poema “Poesia Surda para Sempre” está baseada na história de sua própria vida (SILVA, 2020). Por esse motivo, optamos por traduzir utilizando o pronome oblíquo de primeira pessoa do singular “mim” no verso 35, momento que expõe a experiência pessoal negativa vivida pelo autor, o que nos levou a selecionar palavras que remontam a sentimentos negativos no verso 36 (“desconfiança, medo e temor”) e consequentemente os efeitos expostos nos versos 37 (“arrancam de mim minhas forças”) e 38 (“me deixando fraco, débil, sem vigor”).

Destacamos aqui a tradução como prática artística, livre para a recriação. A tradução desse poema em Libras é um tipo de resistência, de reconstrução da luta surda, de visibilidade da arte surda e requer do tradutor sensibilidade, criatividade e poesia (autoria). Essa afirmativa é desconstrutora de concepções higienistas da língua que acreditam na transparência do signo. Portanto, não se trata de fidelidade, mas de sensibilidade para com o projeto discursivo do autor, para o que quer tocar no leitor e introspecção para a recriação.

Outro aspecto importante que queremos comentar está relacionado à resistência como característica da identidade surda. Perlin (2005) relata múltiplas identidades surdas, dentre as quais destacamos a identidade surda do próprio autor do poema que se reconhece como sujeito surdo, que faz uso da Língua Brasileira de Sinais e que resiste às imposições sociais relacionadas ao oralismo e ao ouvintismo. Identificamos na poesia surda três momentos em que a resistência se manifesta revelando a identidade do sujeito surdo:

**Quadro 3:** Marcas textuais de resistência e identidade.

Trechos do texto de partida que inspiraram a tradução	Estrofe	Versos de resistência e identidade
	3 <sup>a</sup>	18 Não, não, não! 19 Resisto, rejeito, 20 sem sucesso vai embora.
	4 <sup>a</sup>	29 Não, não, não! 30 Firme, resisto e volto ao meu lugar.
	8 <sup>a</sup>	44 MAS . . . . . . 45 De mim sei bem 46 e seguro estou. 47 Poesia surda para sempre sou!

Fonte: elaborado pelos autores.

Na terceira estrofe (versos 18, 19 e 20 [00:46-00:55]), a resistência é marcada pela expressão facial negativa, acompanhada de movimentos da cabeça para os lados direito e esquerdo, além do movimento da mão, o oralismo, para longe do autor. Por essa razão, nossa estratégia de tradução foi usar a palavra “não” repetida três vezes, pois o sinal ORALISMO é movimentado três vezes na frente da boca do autor e o movimento de repelir o sinal também segue o mesmo padrão numérico de repetição. Logo, decidimos usar na tradução as palavras “resisto” e “rejeito” (verso 19) para trazer o mesmo efeito de sentido do trecho sinalizado.

Semelhantemente, a marca de resistência aparece na quarta estrofe (versos 29 e 30 [01:15-01:30]) e, da mesma forma como a negação é realizada na estrofe anterior, mantivemos a tradução usando a palavra “não” repetida

três vezes. Como marca da resistência ao OUVINTISMO, traduzimos no verso 30 usando as palavras “firme, resisto”, refletindo na escrita o sentimento expresso pelo autor.


Na conclusão do poema, na oitava estrofe, usamos um efeito estético ao optar por utilizar uma sequência dupla de reticências dispostas verticalmente representando os exatos seis segundos de pausa entre a interjeição “MAS” (verso 44 [02:36]), a qual grafamos em caixa alta para dar a mesma ênfase que o autor apresenta por meio de uma sinalização e expressão facial mais tensa, e o desfecho (início do verso 45 [02:42]), em que o autor se reconhece como sujeito surdo, expressando sua identidade surda, a qual decidimos por traduzir por “De mim sei bem/ e seguro estou./ Poesia surda para sempre sou!” (trecho completo [02:36-02:54]).

Preocupados com a questão estética da poesia em português, registramos as escolhas para a forma no diário de tradução. Por exemplo,

Hoje percebi que quando traduzi na versão 1 “e ao olhar em meu íntimo” não tinha me dado conta que na verdade o autor está “entrando na sociedade”. Em busca de uma rima para o verbo conjugado vê, optei por suprimir a letra -r do verbo ser e o grafei com acento circunflexo e um apóstrofo (sê’) (Diário de tradução - Versão 2 – 16/11/2022).

Apesar da sonoridade construída, o tom menos culto e do acento circunflexo e um apóstrofo (sê’) não condiz com a condição do artista surdo que traz em sua poesia uma reflexão política, uma poesia enunciada por um surdo doutor em linguística e professor universitário. Assim, o verso ficou melhor apresentado por:

**Quadro 4:** Escolhas quanto à forma em português

Trechos do texto de partida que inspiraram a tradução	Estrofe	Versos de resistência e identidade
	2ª	<p>VERSÃO 3 – 18/11/2022</p> <p>Vejo-me em sociedade, Na relação com o outro, Que passa por mim e parece não me ver, Lança-me uma invisibilidade que toca meu ser.</p>
	2ª	<p>VERSÃO 4 – 02/12/2022</p> <p>5 No encontro com o outro, 6 minha interação é frustrante. 7 Pois por mim ele passa 8 e simplesmente a INVISIBILIDADE 9 a mim é lançada 10 como se eu não fosse nada.</p>

Fonte: elaborado pelos autores.

Nesse sentido, há uma luta entre a forma e o conteúdo e o tradutor está nesse meio a decidir os pontos com base em seu conhecimento de mundo, equilibrando os aspectos linguísticos e extralinguísticos.

A poesia é um gênero literário capaz de expressar sentimentos, lutas, crenças, ideologias, poder, superação, entre outros aspectos. Sendo assim, este gênero é bastante explorado na literatura surda e possui uma marca importante na cultura dos surdos. Portanto, o objetivo deste trabalho foi reenunciar os elementos principais de um poema em Libras a fim de reconstruí-los no texto de chegada (português).

### Considerações finais

Retomamos para o fechamento do artigo as questões levantadas inicialmente. Vivenciamos os desafios de traduzir a forma ou o conteúdo.

Pode-se afirmar que trabalhar com esses dois elementos simultaneamente é um desafio.

O que levar em consideração para compreender o projeto discursivo do artista e recriá-lo na poesia traduzida? Não só para o leitor surdo utente da Libras, mesmo que especializado nos diversos ramos teóricos da ciência da literatura, se torna banal entender a poesia de Rodrigo Custódio. Dito de outro modo, para compreender o poema não basta saber Libras, é necessário conhecer o gênero poesia em língua de sinais e suas características, assim como conhecer a temática abordada no poema. É talvez por isso recomendável pôr à disposição do interlocutor/leitor alguns elementos que possam porventura facilitar o acesso à linguagem quase oculta e às ideias sutis do autor do poema, a correlação com a história da educação dos surdos e a história do próprio autor.

O primeiro fator que deve ser levado em consideração logo de início refere-se à manifesta biografia do Rodrigo Custódio exposta nesse poema e tudo aquilo que poderíamos esperar de uma obra preparada para impactar a sociedade, para pelo menos assim não cair na armadilha de uma leitura superficial e não atingir a profundidade da significação.

De fato, a tarefa do interlocutor/leitor é interpretar. Na tarefa ativa de valoração da poesia e construção de sentidos, pode tomar diferentes rumos e aproximar-se da vida atual, correlacionar a vida de outros surdos ou outros grupos minoritários que sofrem opressão linguística.

Traduzir de uma língua de sinais para o português escrito requer alguma estratégia específica? Experienciar a tradução do poema nos levou a confirmar o caráter movediço da língua, as inúmeras possibilidades da tradução e as sutis significações das palavras que poderiam ser escolhidas para corresponder aos sinais enunciados no poema em Libras. Esse fato refuta a feição nitidamente idealista da língua como algo transparente, em que, sob a influência da teoria estruturalista do conhecimento, o leitor poderá encontrar o sentido na própria língua portuguesa ou nos sinais da Libras executados. Desconstrói-se o conceito da língua pura, em que esta se completa numa poesia em que a palavra, o sinal e seus significados seriam perfeitamente compreendidos. É na tonalidade afetiva, no sentir a poesia, que vemos que não podemos separar os seus diferentes elementos, dentre eles a inspiração para a sua criação, ou seja, a sua história; os sujeitos que criam (poetas e tradutores); as línguas em cooperação; e o momento

histórico-social em que é enunciado, o momento da performance, estando aí os interlocutores em potencial.

Ao realizar uma tradução comentada devemos compreender que ela é um processo consciente, crítico e reflexivo no qual temos a oportunidade de transitar entre o texto de partida, nosso objeto de pesquisa e, o texto de chegada, o produto de nossa tradução. No decorrer da pesquisa, registramos as escolhas, a construção de sentido singular, as decisões conscientes em relação à tradução. Como um projeto de tradução executado em meio a uma disciplina de pós-graduação, chega-se ao resultado almejado de construção crítica da própria tradução e exercício reflexivo. Toda tradução poderia ser revisitada e novos ajustes feitos, novos efeitos de sentidos a posteriori podem surgir. Mas, para esse momento, a versão apresentada satisfaz o objetivo de entregar para o público ouvinte uma tradução correspondente ao sentido por nós compreendido referente ao poema de Rodrigo Custódio. Todavia, pela diferença de modalidade das línguas, os efeitos corporofaciais são intangíveis pela língua escrita. A crítica posta está na impossibilidade de expressão poética da escrita no lugar do corpo, uma descrição detalhada gestovisual perde o efeito poético. Então, a escolha realizada foi pela reconstrução levando em consideração as características do gênero poesia em português.

Concordamos com Sobral (2008) e acreditamos que, independentemente das línguas envolvidas nesse processo, em nosso caso a Libras e o português brasileiro, essas são postas em estado de correspondência, havendo entre elas uma gama de possibilidades de traduções voltadas para a produção de sentidos.

Trabalhar com o gênero textual poesia nos possibilita entrarmos em um processo de (re)criação por meio da tradução. Tradução essa que por meio de nossos comentários revela aos nossos leitores nosso processo criativo enquanto tradutores.

Na busca da produção de sentidos, esperamos que com este trabalho possamos trazer mais uma contribuição aos Estudos da Tradução, apresentando aos nossos leitores, pesquisadores e interessados pela temática, tendo aqui exposto mais um modelo de construção de Tradução Comentada realizada no par linguístico língua brasileira de sinais e língua portuguesa.

## Referências

ALBRES, Neiva de Aquino. O “O voo sobre o Rio” da poetisa surda Fernanda Machado: Estudos da Tradução e Estudos Linguísticos articulados. **Porto das Letras**, v. 6, n. 6, p. 328-352, 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/9774>. Acesso em: 17 mai. 2023.

ALBRES, Neiva de Aquino. Tradução comentada de/para línguas de sinais: ilustração e modos de apresentação dos dados de pesquisa. **Revista Linguística**, v. 16; n. 3, p. 425-451, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/33672>. Acesso em: 17 mai. 2023.

ALBRES, Neiva de Aquino. Traduções comentadas de poesias em e traduzidas para línguas de sinais: um método de pesquisa em consolidação. **Revista Araticum**, v. 21, n. 1, 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/araticum/article/view/2739>. Acesso em: 14 jan. 2023.

ALBRES, Neiva de Aquino; DIAS, Larissa Fernandes (2021). “International women day” de Angela Eiko Okumura: tradução comentada de uma poesia política e feminista. *Signótica*, v. 33, p. 1-24, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/62929>. Acesso em: 17 mai. 2023.

ALBRES, Neiva de Aquino; ALVES, Anderson Rodrigues. Tradução comentada da poesia em libras “Você está com medo? Ele não é mal” para o português. *Revista Contexto*. UFES, n. 40, p. 7-30, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/31154>. Acesso em: 17 mai. 2023.

ALVES, Fábio; MAGALHÃES, Célia; PAGANO, Adriana. Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação. São Paulo: Editora Contexto, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. Dialogic origin and dialogic pedagogic of grammar. In: **Journal of Russian and East European Psychology**, v. 42 (Issue 6): 12-49, nov/dez, 2004. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10610405.2004.11059233>. Acesso em: 28 jun. 2023.



BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997. Disponível em:

<https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/6479/bakhtin-mikhail-estetica-da-criacao-verbal-sao-paulo-martins-fontes-2003.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2023.

BEZERRA, Paulo. A tradução como criação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 26, n. 76, 2012, p. 47-56. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/47538>. Acesso em: 27 dez. 2022.

CAPOVILLA, Fernando Cesar; RAFAEL, Walkiria Duarte; MAURÍCIO, Aline Cristina L. **Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas**, Volume 1: Sinais de A a H. 3. ed. rev. e ampl., 1. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Inep: CNPq: Capes: Obeduc, 2015.

HOLMES, James S. The Name and Nature of Translation Studies. In: VENUTI, Lawrence. **The Translation Studies Reader**. London; New York: Routledge, [1972] 2000, p. 172-185. Disponível em:

[https://translationjournal.net/images/e-Books/PDF\\_Files/The%20Translation%20Studies%20Reader.pdf](https://translationjournal.net/images/e-Books/PDF_Files/The%20Translation%20Studies%20Reader.pdf).

Acesso em: 16 jan 2023.

KLAMT, Marilyn Mafra. Tradução comentada do poema em língua brasileira de sinais “Voo sobre rio”. **Belas Infiéis**, v. 3, n. 2, p. 107-123, 2014. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/11285>.

Acesso em: 17 mai. 2023.

KUMAR, Amith. **Bakhtin and Translation Studies: theoretical extentions and connotations**. United Kingdom: Cambridge Scholars Publishing, 2015.

PELUSO, Leonardo. Traducción entre español escrito y la lengua de señas uruguay videograbada: un nuevo desafío. **Cadernos de Tradução**: Florianópolis, v. 35, n. esp. 2, jul-dez. 2015, p. 479-504. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p479/30722>. Acesso em: 16 jan. 2023.

PELUSO, Leonardo. Los sordos, sus lenguas y su textualidad diferida. **Traslaciones: Revista Latinoamericana de Lectura y Escritura**. V. 5, n. 9, jul. 2018, p. 40-61. Disponível em:

<https://revistas.uncu.edu.ar/ojs/index.php/traslaciones/article/view/1311>.

Acesso em: 16 jan. 2023.

PERLIN, Gladis. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2005, p. 51-73.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <https://www.feevale.br/institucional/editora-feevale/metodologia-do-trabalho-cientifico---2-edicao>. Acesso em: 14 jan. 2023.

RODRIGUES, Carlos Henrique. **A interpretação para a língua de sinais brasileira: efeitos de modalidade e processos inferenciais**. (Tese de Doutorado). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2013. Disponível em: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/MGSS-9CXQ8L/1/rodrigues\\_\\_2013\\_\\_tese\\_poslin.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/MGSS-9CXQ8L/1/rodrigues__2013__tese_poslin.pdf). Acesso em: 10 abr. 2022.

SANTOS, Saionara Figueiredo. Tradução comentada do poema “Debussy”, de Manuel Bandeira, para a língua brasileira de sinais. **Belas Infiéis**, v. 5, n. 1, p. 93-116, 2016. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/11371>. Acesso em: 17 mai. 2023.

SCHLEMPER, Michelle Duarte da Silva. Tradução comentada, de Libras para o português escrito, do conto “a formiga indígena surda”, de Marina Teles. **Revista Geminis**, v. 12, n. 3, p. 124-146, 2022. Disponível em: <https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/653>.

Acesso em: 17 mai. 2023.

SILVA, Rodrigo Custódio. Poesia Surda para Sempre. **Youtube**: Rodrigo Custódio da Silva, 2020. Disponível em:

<https://www.youtube.com/@rodrigocustodiadasilva1004/featured>. Acesso em: 10 nov. 2022.

SILVA, Rodrigo Custódio. **Gêneros emergentes em Libras da esfera acadêmica: a prova como foco de análise**. Tese (doutorado). Florianópolis: UFSC, 2019. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/214869>. Acesso em: 17 jan. 2023.

SILVA, Marília Duarte da; ALBRES, Neiva de Aquino. Tradução comentada do poema em língua brasileira de sinais? Amor à primeira vista? **Revista de Ciências Humanas**, v. 18, p. 1-16, 2018. Disponível em:

<https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/8686>. Acesso em: 17 mai. 2023.

SKLIAR, Carlos. Os Estudos Surdos em Educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2005, p. 7-32.

SKLIAR, Carlos. Educação e Exclusão, Abordagens Sócio-Antropológicas em Educação Especial. In: SKLIAR, Carlos. (Org.). **Uma perspectiva sócio-histórica sobre a psicologia e a educação dos surdos**. Porto Alegre: Mediação, 2001.

SOBRAL, Adail. Da valoração intralinguística à transposição tradutória: uma perspectiva bakhtiniana. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n. esp., 2019. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao/article/view/98461>. Acesso em: 27 dez. 2022.

SOBRAL, Adail. **Dizer o ‘mesmo’ a outros: ensaios sobre tradução**. São Paulo: Special Book Services Livraria, 2008.

SUTTON-SPENCE, Rachel. **Analysing Sign Language Poetry**. New York: Palgrave Macmillan, 2005. Disponível em:

[https://mdu.ac.in/UpFiles/UpPdfFiles/2022/Jan/4\\_01-10-2022\\_15-38-28\\_Analyzing%20Sign%20Language%20Poetry\(2008\)BBS.pdf](https://mdu.ac.in/UpFiles/UpPdfFiles/2022/Jan/4_01-10-2022_15-38-28_Analyzing%20Sign%20Language%20Poetry(2008)BBS.pdf). Acesso em: 27 dez. 2022.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. Por que e como pesquisar a tradução comentada? In: FREITAS, Luana Ferreira de; TORRES, Marie-Hélène Catherine; COSTA, Walter Carlos (orgs). **Literatura traduzida: tradução comentada e comentários da tradução**. Fortaleza: Substância, 2017, p. 15-35. (TransLetras; v. 2). Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/181534/Literatura%20traduzida.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 abr. 2022.

VILHALVA, S. Mapeamento das Línguas de Sinais Emergentes: um estudo sobre as comunidades linguísticas indígenas de Mato Grosso do Sul. **Dissertação** (Mestrado). Florianópolis: CCE/UFSC, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/92972/271269.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 ago. 2022.

WILLIAMS, Jenny; CHESTERMAN, Andrew. **The Map: a beginner’s guide to doing research in Translation Studies**. Manchester: St. Jerome Publishing, 2002. Disponível em:

[http://dinus.ac.id/repository/docs/ajar/Jenny\\_Williams,\\_Andrew\\_Chesterman\\_The\\_Map\\_A\\_Beginners\\_Guide\\_to\\_Doing\\_Research\\_in\\_Translation\\_Studies-St.\\_Jerome\\_Publishing\\_\(2002\).pdf](http://dinus.ac.id/repository/docs/ajar/Jenny_Williams,_Andrew_Chesterman_The_Map_A_Beginners_Guide_to_Doing_Research_in_Translation_Studies-St._Jerome_Publishing_(2002).pdf). Acesso em: 12 abr. 2022.

ZAVAGLIA, Adriana; RENARD, Carla M. C.; JANCZUR, Christine. A tradução comentada em contexto acadêmico: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, [S.l.], v. 25, n. 2, p. 331-352, dez. 2015. Disponível em:

<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/8755>. Acesso em: 12 abr. 2022.

### Resumo

Caracterizada por ser um processo introspectivo e retrospectivo no qual o tradutor tece comentários que justificam suas escolhas de forma autocrítica, consciente e reflexiva, a Tradução Comentada vem crescendo exponencialmente no campo dos Estudos da Tradução. Propomo-nos apresentar uma tradução comentada do gênero literário poesia da obra “Poesia Surda para Sempre”, de autoria de Rodrigo Custódio da Silva. Optamos por seguir uma perspectiva bakhtiniana do enunciado. Centramos nossos comentários em aspectos sócio-históricos relativos ao sujeito surdo e à sua afirmação identitária manifestada por meio da resistência e uso da língua de sinais.

### Palavras-chave

Tradução Comentada; Gênero literário; Poesia

### Abstract

Being an introspective and retrospective process in which the author himself makes comments that justify his choices in a self-critic, conscious, and reflexive way, the Commented Translation is growing exponentially within the field of Translation Studies. We are proposing to present a commented translation of the literary genre poetry of the work “Poesia Surda para Sempre” (Deaf Poetry Forever), by Rodrigo Custódio da Silva. We opted to follow a Bakhtinian perspective of the utterance. We focus our commentaries

on social-historic aspects related to the deaf individual and his identity statement by means of resistance and use of sign language.

**Keywords**

Commented Translation; Literary genre; Poetry